

Globethics Repository



A contribuição da mídia para a formulação de uma política de memória [The contribution of the media to the formulation of a memory policy]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Berger, Christa
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-09-22 10:05:13
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/162241

De outro lado, a reforma trabalhista é mesmo necessária? Em certo nível penso que sim, mas não se pode tirar muitos direitos dos trabalhadores, pois eles são a ponta mais fraca numa negociação. Muita gente defende o aumento da competitividade do país com uma diminuição dos custos trabalhistas, pois em muitos países este custo é muito menor. Mas eu perguntaria: será que o sistema mais justo para a relação capital/trabalho é aquele, por exemplo, dos tigres asiáticos, em que o trabalhador não tem nenhuma proteção? Será que nós devemos mudar para ficarmos mais parecidos com eles e mais competitivos, ou eles é que devem mudar, melhorando a proteção ao trabalhador, como a que existe na maior parte dos países europeus?

Se todos os países melhoram a condição do trabalho, tornando-o social e humanamente mais justo, este não será um ponto que diferencie a competitividade; serão outros pontos.

Você perguntava se há alternativa. Bem, eu, como visto, não defendo a adoção de um modelo neoliberal em termos absolutos, mas entendo que não há saída fora do capitalismo para o atual estágio de desenvolvimento do ser humano. Um sistema socialista não funcionou em nenhum lugar. Por que é conceitualmente condenável? Não, porque o homem não está preparado para ele. Talvez daqui a muitas e muitas gerações.

A contribuição da mídia para a formulação de uma política de memória

ENTREVISTA COM CHRISTA BERGER

A jornalista e professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Unisinos Christa Berger concedeu a entrevista que segue, por e-mail, à IHU On-Line, falando sobre o tema Cultura da memória no Brasil - o passado retorna pela mídia, que ela conduzirá na próxima edição do evento Encontros de Ética, promovido pelo IHU no dia 27 de agosto, das 17h30min às 19h na Sala 1G119. Pós-doutora pela Universidade Autônoma de Barcelona (UAB), Espanha, e doutora em Ciências da Comunicação pela USP, com a tese Campos em confronto: jornalismo e movimentos sociais - As relações entre o Movimento Sem Terra e a Zero Hora, Christa é mestre em Ciência Política, pela Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM). É também autora de Campos em confronto: a terra e o texto (Porto Alegre: Editora da Universidade - UFRGS, 1998) e uma das organizadoras do livro O jornalismo no Cinema (Porto Alegre: Editora da Universidade - UFRGS, 2001). Confira as entrevistas concedidas por Christa Berger na 172ª edição da revista IHU On-Line, de 20 de março de 2006, sob o tema Há vida fora da Terra? As contribuições da exobiologia e na 202ª edição, de 30 de outubro de 2006, intitulada Mídia e Política.

IHU On-Line - Como se caracteriza a cultura da memória no Brasil?

Christa Berger - Penso que a questão de fundo da memória não tem especificidades nacionais. Ela se engancha nos indivíduos como necessidade humana, se articula entre a necessidade de lembrar e de esquecer, é estruturante da nossa subjetividade. Cito Alfredo Bosi¹, que enfatiza o lugar da linguagem para pensar a memória. “A memória articula-se formalmente e duradouramente na vida social mediante a linguagem. Pela memória, as pessoas que se ausentaram fazem-se presentes. Com o passar das gerações e das estações, esse processo cai no inconsciente lingüístico, reafirmando sempre que se faz uso da palavra que evoca e invoca. É a linguagem que permite conservar e reavivar a imagem que cada geração tem das anteriores. Memória e palavra, no fundo inseparáveis, são a condição de possibilidade do tempo reversível. Eu me lembro do que não vi porque me contaram. Ao lembrar, reatualizo o passado, vejo, historio o que outros viram e me testemunharam... O diálogo com o passado torna-o presente. O pretérito passa a existir, de novo.”

Mas sua pergunta é sobre a cultura da memória. Esta sim tem a cara do País: lembrar dos traumas históricos para culpar, punir, regenerar, reparar, anistiar. O retorno do passado enquadrado na cultura de massa é um fenômeno contemporâneo e percorre os diferentes países - com mais intensidade naqueles que têm traumas para elaborar, - adquirindo características locais. No Brasil, onde a cultura tem se manifestado de forma midiática, portanto, espetacular e mercadológica, o nosso passado traumático - a ditadura militar com suas conseqüências políticas - retorna marcado pelo seu potencial de consumo.

¹ BOSI, Alfredo. *O tempo e os tempos*. In: Novaes, A. (org.) *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. (Nota da entrevistada)

A ascensão da memória, como manifestação cultural, política e midiática, carrega uma ambigüidade. É compromisso histórico, mas é, também, uma manifestação cultural com potencial mercadológico. E estes sentidos são muito disputados - lembrar porque não nos é permitido esquecer (compromisso da rememoração para aprender com o passado) ou lembrar para esquecer - “a amnésia feliz” como afirma Felinto², identificando-a com o discurso programático da pós-modernidade.

IHU On-Line - Qual é a importância da mídia e do jornalismo para a memória dos fatos que envolvem um país?

Christa Berger - É muito importante, porque retorna aos traumas através dos testemunhos, dá forma às lembranças e contribui com a formulação de uma política de memória, que todo país deve ter. O trabalho de memória, diz Todorov³, evocando uma imagem renascentista, se submete a duas exigências: fidelidade para com o passado e utilidade no presente. E é por este ângulo que ele examina exemplos da literatura de testemunho das duas experiências de totalitarismo que marcaram o século XX: o nazismo e o stalinismo.

Para o autor, há três estágios de relação entre passado e presente, mediados por um narrador: no primeiro a relação é de testemunho, o sujeito conta o que viveu; no segundo, os narradores são os historiadores que contam o que aconteceu; no terceiro, são os comemoradores, que propõem a celebração do passado. Os dois primeiros são clássicos e já bastante compreendidos, o terceiro é fenômeno da cultura de massa e pode ser observado na monumentalização, espetacularização e museologização

² Felinto, Érick. *Obliscência: por uma teoria pós-moderna da memória e do esquecimento*. In: *Revista Contracampo*, IACS/UFRJ, num. 5, 2002. (Nota da entrevistada)

³ Tzvetan Todorov: filósofo e historiador búlgaro, é também crítico da linguagem de renome internacional. (Nota da *IHU On-Line*)

do passado. Acrescento um quarto estágio, que se confunde com o terceiro, pois também pertence à lógica da cultura de massa, mas dele deve ser distinguido que corresponde à narrativa dos atualizadores do passado que são os jornalistas e que encontram na imprensa seu lugar de existência.

A cultura da memória destaca o indivíduo que lembra, que pode testemunhar aquilo que viveu. O cinema e o museu exemplificam a tendência à rememoração na cultura visual e o jornalismo acompanha a cultura visual, divulgando e comentando o filme e a exposição e trazendo o testemunho (dos sobreviventes) como fonte da informação. Neste sentido, a cultura da memória se vincula ao passado através de relatos orais e ao presente pelas narrativas que se apresentam em diferentes gêneros e suportes técnicos provenientes de diversas matrizes.

Cultura de massa e memória

É na cultura de massa que o trabalho de memória acrescenta novas questões e interrogações sobre a função do passado. O método da produção jornalística garante fidelidade ao passado? Qual pode ser a utilidade da memória quando enunciada pela Indústria Cultural? Será ela comercial, política, pedagógica, ilustrada? Ou virá para ajudar a historicizar tudo, e, assim, diluí-la na vala comum das lembranças. Seguramente, estas funções se confundem e se mesclam. Zygmunt Bauman¹ observa que os filmes produzidos pela indústria do Holocausto tiraram o tema das salas de arte e os trouxeram para os *shoppings centers* e, agora, os espectadores podem assistir histórias deste tema sob “uma forma saneada, esterilizada e assim, em última análise, desmobilizante e consoladora”, sem prejudicar o lanche de pipoca e refrigerante.

¹ Bauman, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. (Nota da entrevistada)

IHU On-Line - O que caracteriza a forma como a mídia transporta e transmite a memória pública?

Christa Berger - O jornalismo não transporta a memória pública, histórica ou coletiva de maneira inocente, mas, no enlace com um novo acontecimento, a condiciona e acomoda na sua própria estrutura e forma. Portanto, o passado, ao retornar ao presente da imprensa, é trabalho de memória, e algumas perguntas são: que memória é ativada; a que interpretação histórica corresponde; qual sua utilidade no presente; o que revelam os fatos acontecidos no passado e qual o sentido que eles adquirem quando atualizados pelo jornalismo?

Trago um exemplo da rede de sentidos que constituem o trabalho de memória e como estão em disputa a contribuição que a mídia dá para o não esquecimento e a versão conveniente que ela apresenta.

O texto promocional do DVD *Anos Rebeldes*, a série exibida em 1992 que contava a história de jovens que lutaram contra a ditadura militar, é exemplar da versão conveniente da Rede Globo. 1992 foi também o ano do impeachment de Collor, e muitos associaram na ocasião o engajamento dos jovens com a exibição da série.

A Globo Vídeo traz o seguinte texto no lançamento em 2003, da versão compacta da minissérie:

“E se o golpe militar não tivesse acontecido? E se a revolução sexual não estourasse? E se não existisse o Cinema Novo, a era dos Festivais e o teatro Opinião? E se não houvesse um mundo dividido entre direita e esquerda? E se rótulos como alienado, engajado, revolucionário e reacionário jamais tivessem tido peso? E se os hippies não comesçassem a usar calça jeans? E se a individualista Maria Lúcia jamais se apaixonasse pelo idealista João? E se a doce burguesa Heloísa não partisse para a luta armada? E se uma certa minissérie não fosse exibida em 1992, no momento em que os estudantes pintavam a cara para pedir pelo impeachment do presidente Fernando Collor?”.

Diz Bucci¹ que duas associações merecem reparos: o lado que a Globo se coloca neste texto promocional não é o mesmo lado que estiveram seus telejornais; por

¹ BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. *Videologias*. São Paulo: Boitempo, 2004. (Nota da entrevistada)

outro, a associação direta de influência entre a série e o movimento dos jovens contra Collor não é tão decisivo como o texto insinua. Ou seja, narrar o passado tem implicações que só o estudo regular dá conta de observar e entender.

Perfil Popular

Andréa Moscarelli Mota

Há 14 anos, Andréa Moscarelli Mota se dedica à profissão de professora. No entanto, o foco do seu trabalho não é apenas a educação. Com o exercício do magistério na Escola Municipal de Ensino Fundamental João Goulart, na Vila Braz, periferia de São Leopoldo, Andréa transmite conhecimento e também aprende com os seus alunos de 6ª e 8ª séries, os quais ela tem como filhos. Incansável, apaixonada pela profissão e otimista: esta é a clara definição para a professora que, diariamente, ensina muito mais que a Língua Portuguesa para os seus alunos. Ela os faz ter esperança e perspectiva de um futuro melhor. Foi durante a aula, em uma das suas turmas de 8ª série, que Andréa contou a sua trajetória, com exclusividade, à revista IHU On-Line.

Infância - Dar a uma criança a oportunidade de aproveitar a infância é essencial para Andréa Moscarelli Mota, de 40 anos. Ela lembra que este período de sua vida, em Pelotas, sua cidade natal, foi maravilhoso, o que contribuiu para a sua formação pessoal. “É importante ter o direito de brincar, uma boa alimentação, moradia e estrutura familiar.” Foi ainda criança que ela percebeu a vocação para o magistério. “Sempre gostei muito de escola. Fazia declamações, teatro, estava sempre presente nas horas cívicas. Com o tempo, fui gostando mais da idéia de trabalhar com educação.”



Andréa e seus alunos

Família - Andréa teve uma base familiar bastante consistente. E, mesmo longe de casa, mantém o vínculo afetivo com a mãe e o irmão, sete anos mais novo. “Eles ainda moram em Pelotas. Nossa relação é muito boa. Às vezes, minha mãe vem me visitar, mas eu queria mesmo é que ela viesse morar comigo, em Novo Hamburgo.” Pelo menos por enquanto, este desejo de Andréa será adiado, pois o restrito ciclo de amizades de sua mãe no Vale do Sinos faz com que ela não se adapte a morar junto da filha.